

CORPOS, ESTADOS E CRISES

APRESENTAÇÃO

A proposta do dossiê *Corpos, Estados e Crises* objetivou articular essas três categorias e/ou sujeitos em trabalhos, sobretudo de autoria periférica, que reflitam e debatam os impactos da atuação dos Estados e das crises nos corpos de indivíduos inseridos em relações assimétricas de poder. Nesse contexto, a pandemia tem propiciado reflexões sobre as mais diversas situações vivenciadas em diferentes contextos socioculturais. Percebemos que as sociedades humanas têm enfrentado os impactos da COVID-19 com ações relacionadas ao chamado mundo do trabalho, às políticas públicas sociais e de saúde, ao planejamento voltado para a educação escolar, violência de gênero, entre outras. Há uma série de situações que emergem na maneira como as pessoas se adequam à essas realidades cotidianas que nos foram impostas e o confinamento social trouxe à tona inúmeras questões.

Focar o olhar em violências cotidianas e na precarização do trabalho enquanto produtos cada vez mais sofisticados do ultraliberalismo e do avanço da direita em diversas escalas, também nos possibilita identificar processos e mecanismos de luta e resistência para a construção de um novo tempo e mundo, pautados pela justiça social e cognitiva, com a valorização de narrativas contra-hegemônicas que possam afetar, ensinar e reestruturar o centro.

É neste sentido que o artigo *Sussurros e vozes da Amazônia Brasileira* de Mariluci Guberman contribui com nossa proposta, posto que chama atenção para a importância de se estudar e valorizar outras lógicas para a construção de um mundo mais harmônico, no caso em questão, o pensamento indígena, historicamente alijado e desrespeitado pelo Estado. O artigo apresenta vários autores e obras que alertam para o perigo das forças produtivas em voga e propõem uma reconciliação com a natureza por meio de uma intensa “alfabetização ecológica” (Carvalho, 2008), em que arte e ciência dialoguem em uma “prática pedagógica complexa”, em que a educação apenas fará sentido se envolver valores de cidadania, diversidade e sustentabilidade.

A partir da análise crítica do discurso (Teun Van Dijk) e da abordagem do jornal como um ator político (Héctor Borrat), o artigo *Agro y Política en la Norpatagonia Argentina durante el peronismo (1946-1955)*, de autoria de Martha Ruffini, reflete como o Estado Nacional, de vertente populista-nacionalista, censurou e se apropriou da imprensa para corroborar seu “processo civilizatório”, por meio de projetos de “desenvolvimento” e “modernização”, que visavam superar “os efeitos culturais da coexistência com etnias indígenas” como prerrogativa para promover cidadãos com direitos políticos; além de controlar críticas e movimentos contra-hegemônicos. O artigo analisa o periódico *La Nueva Era* (1906-1976) que atuava criticamente, mas que foi transformando em forte entusiasta do peronismo. O periódico abarcava duas regiões bastante distintas politicamente - Rio Negro e Patagones (Norpatagonia) - mas economicamente similares, com problemas relativos à irrigação dos rios e terras fiscais, o que demandou diferentes estratégias de informação e opinião.

Assim como os *sussurros de vozes da Amazônia* foram e são continuamente silenciados em detrimento a uma lógica que obedece apenas aos interesses do capital, impactando indígenas, ribeirinhos e a humanidade de forma mais ampla, o controle estatal da liberdade de imprensa e a exacerbação autoritária de governos, como o peronismo na Argentina, são mecanismos de imposição de lógicas e valores, que ainda que tenham proporcionado alguma dignidade e direitos políticos para setores marginalizados da

população, tutelaram, violentaram e silenciaram outras narrativas e práticas políticas que poderiam traçar caminhos diversos para os países da América Latina.

Em continuidade aos processos de colonização de corpos e mentes (Fanon, 2008), sobretudo o investido pelo Estado brasileiro em seu projeto de nação “embranquecida”, com modos europeus, o artigo *Mediações visíveis na cidade: olhares sobre o racismo em Belém/PA* de Tainara Lúcia Pinheiro e Carmem Izabel Rodrigues analisam esses impactos na produção do construto da morenidade enquanto traço cultural central da identidade da cidade de Belém do Pará. As autoras realizam uma etnografia no mercado do Ver-o-Peso e no complexo Estação das Docas, em busca de marcas e sons nos diferentes espaços que atuam como mediações urbano-raciais. Ela constata a predominância do paradigma da morenidade nos dois lugares, ainda que no Ver-o-Peso as casas de artigos afro-religiosos enfatizem a predominância de corpos negros, ainda que mascarados no linguajar: “Morena é ‘flerte’, ‘elogio’, e isso evidencia que o discurso social sobre negritude é de algo negativo, que não deve ser verbalizado”. Em contiguidade e contraposição ao mercado, as autoras nos apresentam a Estação das Docas enquanto produto do projeto civilizatório perpetuado pelo Estado e pelas elites locais tanto no que diz respeito à higienização e à “brancura”, pelo menos dos que consomem no local, como pelo silêncio comedido, norma burguesa importada da Europa.

Importante notar na materialidade da cidade mediações que remetem ao paradigma ou construto da morenidade enquanto construção principal identitária da população em contraposição a uma afirmação negra. Além do enorme paradoxo entre lugares contíguos, cartões postais da cidade, mas que os equipamentos repressivos do estado não deixam de lembrar o quanto são distintos e desiguais, seja pela grade de ferro, seja por quem pode consumir.

O quarto artigo de nosso dossiê é pautado em pesquisa realizada em duas comunidades quilombolas do Nordeste paraense, Comunidade Quilombola América em Bragança/PA e Comunidade Quilombola Jurussaca em Tracateua/PA, visando analisar se os Projetos Políticos Pedagógicos (PPP) das escolas respeitam os parâmetros e leis voltados para a Educação Escolar Quilombola. *Relações Étnico-Raciais e Quilombos: dos conhecimentos socioculturais aos currículos de Educação Escolar Quilombola na Amazônia Paraense* de autoria de Raquel Amorim Santos e Simeia Santos Andrade, nos oferece, por meio de texto e imagens, aproximação com duas comunidades produtoras de farinha e que, à despeito das diferenças, são próximas geograficamente e pela base econômica. O PPP de Jurussaca ainda estava em construção, mas a partir da observação e da pesquisa qualitativa, as autoras identificaram em América práticas e currículo voltados à educação antirracista e enquanto um projeto emancipatório, ainda que envolto de conflitos, lutas e resistências; portanto levando em consideração a memória, história, valores, crenças e o que realmente importa para a comunidade.

O último artigo também é centrado em um processo educativo que pode ter a escola como palco, em *Na saleta sem viver nem morrer: Anotações sobre literatura, educação e saúde na Amazônia*, Fernando Farias e Elizabeth Teixeira propõem a obra *Chove nos Campos de Cachoeira* [1941], de Dalcídio Jurandir, especificamente a análise do personagem *Eutanásio*, homem amazônico que vive nesta cidade do Marajó e convive com uma doença *inominável*, provavelmente sífilis ou gonorreia, enquanto uma possibilidade de recurso de ensino-aprendizagem.

Os autores chamam atenção para a potencialidade que a literatura tem para o processo educativo de saúde-doença e para a análise e reflexão de várias dimensões da vida cotidiana em determinado contexto socio-histórico. No caso analisado, defendem a possibilidade que um personagem da ficção tem para refletir a vida simples e repleta de intempéries do caboclo amazônico.

Neste volume da Nova Revista Amazônica apresentamos artigos que nos remetem às inquietações e pesquisas sobre corpos, estados e crises, notadamente nesses tempos nos quais as incertezas são comuns. Com exceção do artigo sobre o jornal argentino, todos os trabalhos refletem o contexto amazônico, seja chamando atenção para o conhecimento produzido pelos povos indígenas e quilombolas, que devem ser escutados, estudados e respeitados; seja, pela valorização da linguagem literária enquanto potência para nos aproximarmos do passado ou, pelo menos, de diferentes momentos da história e como podem impactar regiões mais periféricas, em diálogo com os próprios costumes e problemas locais romantizados. Esse chamado à valorização de narrativas contra-hegemônicas pode nos possibilitar caminhos para um mundo mais justo social e cognitivamente, ainda que repleto de desafios e violências, como o paradigma da morenidade, tão perpetuado em relação às identidades amazônicas, silenciando e invisibilizando histórias, ancestralidades, lutas e corporalidades negras tão presentes, mas mascaradas, nos espaços, ruas e rios de nossa cidade.

Os organizadores

Dra. Denise Machado Cardoso

Professora do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Pará (UFPA) e do Programa de Pós-graduação em Cidades: Territórios e Identidades (UFPA). Email: denisecardosoufpa@gmail.com;

Dra. Luísa Maria Silva Dantas

Professora do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Pará (UFPA). Email: luisadantas@ufpa.br;

Dr. Segone Ndangalila Cossa

Professor do Instituto de Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) - Unidade Acadêmica de Palmares. Email: cossa.segone@unilab.edu.br;